

pesquisa e planejamento econômico

volume 11 • abril 1981 • número 1

Os países de industrialização recente em vias de desenvolvimento após a crise do petróleo *

BELA BALASSA **

Este artigo examina a experiência dos assim chamados países em desenvolvimento de industrialização recente durante o período que se seguiu à quadruplicação dos preços mundiais do petróleo em 1973/74 e à recessão mundial de 1974/75. Dá-se ênfase às reações de política das 12 nações individuais consideradas e empreendem-se análises dos efeitos econômicos dessas políticas. Desenvolve-se e aplica-se um procedimento baseado em uma identidade, a fim de estimar os efeitos sobre o balanço de pagamentos dos choques externos e das

* É grande a dívida do autor para com Gholam H. Azakbayciani, que desenvolveu o programa de computador utilizado nos cálculos, Dominic Li e Robert E. Therriault, pelos levantamentos dos dados, e Robert E. Therriault, pela realização dos cálculos.

** Professor de Economia Política na Johns Hopkins University e consultor do Banco Mundial.

respostas de política a esses choques. A experiência dos países selecionados indica que aqueles que adotaram uma estratégia de desenvolvimento orientada para o exterior atingiram resultados econômicos mais favoráveis do que os que persistiram em estratégias voltadas para a substituição de importações. Além disso, taxas de câmbio supervalorizadas e taxas reais de juros negativas, assim como os grandes déficits fiscais e a rápida inflação resultante, são vistos como tendentes a deprimir a taxa de crescimento econômico. Em termos gerais, os resultados da pesquisa sugerem a necessidade de reduzir as distorções nos mercados de produtos e de fatores e de utilizar com mais confiança o mecanismo de mercado.

1 — Introdução

Nos últimos anos tem-se dado muita atenção ao surgimento dos países de industrialização recente no cenário mundial.¹ Este artigo examinará a experiência desses países em vias de desenvolvimento durante o período da quadruplicação dos preços do petróleo em 1973/74 e da recessão mundial de 1974/75, enfocando, ainda, as políticas por eles adotadas em resposta aos choques externos e analisando os efeitos econômicos decorrentes da aplicação destas políticas.

Como introdução à discussão, na Seção 2, a seguir, revisaremos rapidamente as políticas incentivadoras seguidas pelos países de industrialização recente em vias de desenvolvimento durante o período 1960/73 e os seus efeitos sobre as exportações e o crescimento econômico. Em seguida, na Seção 3, descreveremos os métodos empregados para calcular os efeitos sobre o balanço de pagamentos dos choques externos e das políticas adotadas em resposta a eles.

Na Seção 4, serão apresentados cálculos dos efeitos dos choques externos sobre o balanço de pagamentos, na forma de deterioração dos termos de troca e de desaceleração da demanda mundial das exportações dos países de industrialização recente em vias de desenvolvimento. A Seção 5 analisará as políticas adotadas pelos países individuais em resposta aos choques externos, entre elas a crescente

¹ Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, *The Impact of the Newly Industrializing Countries on Production and Trade in Manufactures* (Paris: OECD, 1979).

dependência do financiamento externo, a promoção das exportações, a substituição de importações e o decréscimo da taxa de crescimento econômico, e apresentará cálculos dos efeitos destas políticas sobre o balanço de pagamentos. Na Conclusão, serão avaliadas de maneira comparativa as políticas seguidas no período 1973/78 pelos países de industrialização recente em vias de desenvolvimento.

2 — Os países de industrialização recente em vias de desenvolvimento no período 1960/73

Para os fins desta análise, definem-se como países de industrialização recente em vias de desenvolvimento aqueles que em 1978 apresentavam um nível de renda *per capita* superior a US\$ 1.100 e cujo setor manufatureiro produzia 20% ou mais do PIB em 1977.² Nesta categoria estão compreendidos Argentina, Brasil, Chile, México e Uruguai, na América Latina, Israel e Iugoslávia, na área Europa—Oriente Médio, e Hong Kong, Coréia, Singapura e Taiwan, no Extremo Oriente.

Com exceção de Hong Kong e do Uruguai, estes países foram objeto de um estudo anterior do autor sobre políticas incentivadoras, exportações e desempenho econômico no período precedente à crise do petróleo de 1973.³ O estudo também incluiu a Colômbia, que se encontra no limiar de ser um país de industrialização recente, e

² Os dados são derivados de Banco Mundial, *World Development Report 1979* (Washington, D.C., 1979) e *World Atlas* (Washington, D.C., 1979). A categoria de país de industrialização recente em vias de desenvolvimento sobrepuja-se, segundo a definição do *World Development Report*, à faixa superior do grupo de países de renda média, que inclui, igualmente, os de industrialização recente que são membros da OECD, a organização econômica internacional dos países desenvolvidos (Grécia, Portugal, Espanha e Turquia).

³ Os resultados do estudo são apresentados nos artigos de Bela Balassa, "Export Incentives and Export Performance in Developing Countries", in *Weltwirtschaftliches Archiv*, n.º 114 (1979), pp. 24-61, e "Exports and Economic Growth: Further Evidence", in *Journal of Development Economics*, n.º 5 (1978), pp. 181-189, e em *Development Strategies in Semi-Industrial Countries* (Baltimore, Md.: The Johns Hopkins University Press, 1981), Cap. 3.

a Índia, que possui um setor industrial maior que o de qualquer outro país em vias de desenvolvimento, exceto Brasil e México, mas que coexiste ao lado de um setor agrícola imenso e muito atrasado.

Para efeitos de comparação com o estudo anterior, a Colômbia e a Índia ainda se incluem na atual pesquisa. Adicionalmente, o estudo anterior foi ampliado para incluir o Uruguai, mas não Hong Kong, que apresenta características pouco diferentes das de Singapura, outra Cidade-Estado.

Assim, a análise dos períodos pré-1973 e pós-1973 abrangerá, neste trabalho, 12 países ao todo, divididos, de acordo com o esquema de classificação aplicado no estudo anterior, em quatro grupos, segundo as políticas aplicadas no período precedente à crise do petróleo.

Os do primeiro grupo — Coréia, Singapura e Taiwan — adotaram políticas de abertura ao exterior, proporcionando incentivos similares às vendas nos mercados interno e exterior, após completarem a primeira etapa da substituição de importações (troca da importação pela produção doméstica de bens de consumo duráveis e seus insumos). O segundo grupo — Argentina, Brasil, Colômbia e México — avançou à segunda etapa da substituição de importações (troca da importação pela produção doméstica de bens intermediários e bens de produção e de consumo duráveis), mas posteriormente reformaram seu sistema de incentivos através de uma redução do viés antiexportador. Por sua vez, os países do terceiro grupo — Israel e Iugoslávia — começaram cedo a promover as exportações, mas depois tiveram seus esforços um tanto diminuídos. Finalmente, o quarto grupo — Índia, Chile e Uruguai — seguiu estratégias orientadas para o mercado interno ao longo do período precedente à crise do petróleo de 1973.

2.1 — Incentivos e desempenho das exportações

O primeiro grupo, o dos países do Extremo Oriente, estabeleceu um regime de livre comércio para as exportações e seus insumos domésticos. Igualmente foram proporcionados alguns subsídios adi-

cionais, equilibrando o tratamento entre exportações e a substituição de importações no setor de manufaturados, sem introduzir diferenças intersetoriais relevantes nos incentivos às exportações industriais. Por outro lado, havia pouca discriminação contra as atividades primárias, os incentivos eram concedidos, geralmente, de forma automática, estabeleciam-se taxas de câmbio realistas e assegurava-se a estabilidade do sistema a longo prazo.

Esta aplicação precoce de políticas orientadas para o exterior explica por que, no período 1960/66, os países do primeiro grupo experimentaram aumentos mais rápidos nas exportações de manufaturados do que qualquer dos outros nove países, além de apresentarem as mais altas proporções de exportação em relação à produção total de manufaturados e, no período 1966/73, o melhor desempenho exportador, ao intensificarem seus esforços de incentivos à exportação. Os aumentos nas exportações de manufaturados foram acompanhados de um crescimento rápido das exportações primárias, que também superou as taxas de todos os outros países estudados nos dois períodos, 1960/66 e 1966/73.

Ao contrário do primeiro grupo de países, o segundo começou a promover as exportações depois de lançar a segunda etapa da substituição de importações. Por outro lado, e com poucas exceções, distingue-se do primeiro pela limitação do uso de insumos importados na produção de bens para exportação aos casos em que não se dispunha de produtos domésticos comparáveis. Para compensar os conseqüentes altos custos aos exportadores e os efeitos sobre a taxa de câmbio da proteção contra importações, estes países, ao concederem subsídios às exportações não-tradicionais, conseguiram diminuir, mas não eliminar, a discriminação contra as exportações, que seguiu exercendo um peso marcante no caso dos produtos primários tradicionais. Enquanto a adoção dos reajustes graduais outorgava uma estabilidade considerável ao sistema de incentivos, os incentivos ao valor agregado seguiam apresentando grandes variações de uma indústria para outra, com muitas das medidas incentivadoras sujeitas a decisões oficiais discricionárias.

Neste grupo de países latino-americanos, as maiores taxas de crescimento das exportações de manufaturados ocorreram na Argentina e no Brasil, que introduziram consideráveis incentivos à

exportação em meados da década de 60. Em consequência, entre 1966 e 1973, a proporção de exportações de produtos manufaturados aumentou de 0,9 para 3,6% na Argentina e de 1,3 para 4,4% no Brasil, mas permanecendo, no entanto, sensivelmente inferior à dos países do primeiro grupo: em 1973 a Coreia exportava 40,5%, Singapura 42,6% e Taiwan 49,9% de sua produção de manufaturados.

Depois de estender consideravelmente o alcance de suas medidas de promoção às exportações em meados da década de 60, a Colômbia aumentou de 3,0% em 1966 para 7,5% em 1973 a porção de sua manufatura destinada à exportação. As cifras respectivas foram 2,9 e 4,4% no México, que se beneficiou de sua proximidade com os Estados Unidos, mas que, além de estabelecer uma zona de livre comércio na área fronteiriça, não proporcionou incentivos à exportação até o começo de 1971.

Como prosseguiu a discriminação contra as exportações primárias, os quatro países latino-americanos sofreram uma atrofia em suas parcelas do mercado mundial para quase todas essas mercadorias. Três deles — Argentina, Brasil e Colômbia — experimentaram, no entanto, ganhos nas exportações primárias não-tradicionais, que se beneficiaram de subsídios, aumentando assim sua taxa de crescimento após 1966.

Por terem começado cedo seus esforços de promoção às exportações, Israel e Iugoslávia ultrapassaram o segundo grupo de países, mas ficaram atrás em relação ao primeiro, em termos da porção de produtos manufaturados destinados à exportação em 1966. Mas, com o afrouxamento de seus esforços de promoção, a porção cresceu relativamente pouco: de 12,8 para 14,1% em Israel e de 13,8 para 16,9% na Iugoslávia, no período 1966/73. No mesmo lapso de tempo, a porção de exportações no incremento da produção manufatureira declinou em Israel, e apenas mudou na Iugoslávia. De qualquer maneira, Israel avançou nas exportações primárias tradicionais e não-tradicionais, que sofreram pouca discriminação, enquanto se observaram aumentos menores na Iugoslávia, onde eram discriminadas as exportações primárias.

O quarto grupo de países seguiu aplicando uma estratégia orientada para dentro, com uma discriminação considerável contra as

exportações tanto primárias como manufaturadas durante esse período. Em consequência, perderam parcelas dos mercados de exportações primárias tradicionais, tiveram um mau desempenho nas exportações primárias não-tradicionais e também sofreram perdas em suas parcelas dos mercados de exportação de manufaturados. A participação da Índia no total de exportações manufatureiras dos 12 países sob consideração caiu de 50,4% em 1960 para 31,0% em 1966 e para 10,7% em 1973; a do Chile caiu de 1,9 para 1,5% e, finalmente, para 0,5%; e a do Uruguai nunca chegou a 0,5% do total.

2.2 — Exportações e o crescimento da produção

A exportação oferece vantagens sobre a substituição de importações ao contribuir para a distribuição de recursos segundo as vantagens comparativas, a maior utilização da capacidade instalada, o aproveitamento de economias de escala e o progresso tecnológico impulsionado pela competição em mercados estrangeiros. Na medida em que as exportações acarretam aumentos mais rápidos na produção do que a substituição de importações, os efeitos indiretos da expansão das exportações também serão maiores em países que não aproveitam integralmente seus recursos.

Estas considerações explicam a alta correlação entre exportações e produção num contexto entre países. No período 1960/73, o coeficiente de correlação de Spearman entre o crescimento de exportações e o de produção foi de 0,67 para a agricultura, 0,71 para a manufatura e 0,89 para a economia nacional como um todo. Para o mesmo período, os coeficientes obtidos para a correlação entre exportações e produção para o mercado doméstico foram de 0,74 no caso da manufatura e 0,77 para o produto nacional bruto, refletindo presumivelmente os efeitos indiretos da exportação.⁴

⁴ Todos os coeficientes são significativos ao nível de 1%. Os resultados obtidos com o uso de métodos alternativos e pelos subperíodos 1960/66 e 1966/73 são apresentados nas publicações anteriormente citadas. Não foram calculadas as correlações para a produção para o mercado doméstico no caso da agricultura. Todos os cálculos excluem o Uruguai.

Alternativamente, poder-se-ia introduzir a exportação, além da mão-de-obra e do capital (nacional e estrangeiro), como variável explicativa numa equação de regressão feita para explicar as diferenças nas taxas de crescimento do PNB entre os vários países. A inclusão da exportação neste tipo de relação funcional de produção reflete a suposição de que a orientação para o exterior favorece a produtividade do trabalho e do capital. Em cálculos feitos com base no conjunto de dados disponíveis dos períodos 1960/66 e 1966/73 para 10 dos 12 países (com exceção de Singapura e do Uruguai), a incorporação da variável exportações na equação de regressão aumentou o coeficiente de determinação de 0,58 para 0,77. Essa variável foi significativa ao nível de 1%, enquanto todas as demais (trabalho, capital nacional e capital estrangeiro) foram significativas ao nível de 5%.

No entanto, apesar de o método empregado tender a subestimar os efeitos do crescimento das exportações sobre o crescimento da produção, por não levar em conta o impacto das exportações sobre outras variáveis da equação, há evidências de uma correlação positiva entre exportação e poupança doméstica. Igualmente, a melhoria da situação do balanço de pagamentos decorrente da expansão da exportação aumenta a atratividade do país em questão para o capital estrangeiro.

3 — Cálculo do efeito sobre o balanço de pagamentos dos choques externos e as políticas de resposta a estes choques

3.1 — Marco analítico

A situação econômica mundial mudou com a quadruplicação dos preços do petróleo em 1973/74 e a recessão mundial de 1974/75. Ao examinar as políticas de resposta dos países de industrialização recente em vias de desenvolvimento a estes choques externos, a

análise a seguir considerará a dependência do financiamento externo e a utilização de medidas de política macroeconômica destinadas a reduzir a taxa de crescimento econômico, assim como os incentivos à exportação e à substituição de importações.

Os efeitos dos choques externos sobre o balanço de pagamentos, na forma de deterioração dos termos de troca e de desaceleração da demanda mundial de exportações dos países de industrialização recente em vias de desenvolvimento, serão calculados através do postulado de uma situação que haveria ocorrido na ausência de choques externos. Aplicar-se-á o mesmo procedimento para calcular os efeitos das políticas adotadas em resposta aos choques externos.

Para elaborar o marco analítico, formulado para calcular os efeitos dos choques externos e das políticas de resposta a eles, o ponto de partida é a identidade do balanço de pagamentos, o qual se define em termos do hiato de recursos (equivalente à soma do *deficit* comercial, de serviços de não-fatores e de transferências privadas), que é financiado pelo fluxo líquido de financiamento externo.

O hiato de recursos é mostrado nas equações (1) e (2) para os anos 0 e 1, respectivamente. Nas equações, M e X denotam importações e exportações de bens valorizados, aos preços do ano-base (0), P_{01}^m e P_{01}^x representam as variações percentuais nos preços de importações e exportações, entre os anos 0 e 1, e S e R referem-se ao balanço de serviços de não-fatores e transferências privadas e ao hiato de recursos, respectivamente, a preços correntes:

$$R_0 = M_0 - X_0 - S_0 \quad (1)$$

$$R_1 = M_1(1 + P_{01}^m) - X_1(1 + P_{01}^x) - S_1 \quad (2)$$

Tomando a diferença entre as equações (2) e (1), e reordenando os termos, expressamos as variações no hiato de recursos entre os anos 0 e 1 na equação (3), em termos das variações nos preços de importações e exportações para o volume de importações e exportações no período 1 ($P_{01}^m M_1 - P_{01}^x X_1$), as variações no volume de importações ($M_1 - M_0$), as variações no volume de exportações

$(X_1 - X_0)$ e as variações no balanço de serviços de não-fatores e transferências privadas $(S_1 - S_0)$:

$$R_1 - R_0 = (P_{oi}^m M_1 - P_{oi}^x X_1) + (M_1 - M_0) - (X_1 - X_0) - (S_1 - S_0) \quad (3)$$

A equação (3) modifica-se ao examinarmos os efeitos das políticas adotadas localmente e no exterior. Como primeiro passo, introduzimos as exportações hipotéticas (X_1^h) que seriam alcançadas se o país em questão mantivesse a mesma parcela dos mercados mundiais do ano-base. As diferenças entre as exportações efetivas e hipotéticas $(X_1 - X_1^h)$, incluídas no lado esquerdo da equação (4), são consideradas como resultantes de ações de políticas domésticas de exportação:

$$(R_1 - R_0) + (X_1 - X_1^h) = (P_{oi}^m M_1 - P_{oi}^x X_1) + (M_1 - M_0) - (X_1^h - X_0) - (S_1 - S_0) \quad (4)$$

Em seguida, introduzimos os efeitos de variações na demanda externa, e para isso calculamos o valor tendencial das exportações (X_1^t) , supondo que a tendência da demanda externa para as exportações continuou igual à do período-base e que o país em questão não sofreu variações na sua parcela de exportações. Assim, a diferença entre os valores tendencial e hipotético $(X_1^t - X_1^h)$, incluída no lado direito da equação (5), representa os efeitos do choque externo devidos a variações na demanda externa de produtos de exportação do país (como esta insuficiência das exportações aumenta o *deficit*, ela é mostrada com sinal positivo):

$$(R_1 - R_0) + (X_1 - X_1^h) = (P_{oi}^m M_1 - P_{oi}^x X_1) + (X_1^t - X_1^h) + (M_1 - M_0) - (X_1^t - X_0) - (S_1 - S_0) \quad (5)$$

Por sua vez, as importações hipotéticas (M_1^h) são calculadas para a taxa de crescimento efetivo do PNB no país em questão, supondo que a elasticidade-renda da demanda de importações manteve-se igual à do período-base. As diferenças entre importações hipotéticas (M_1^h) e importações efetivas (M_1) , incluídas no lado esquerdo da

equação (6), devem refletir os efeitos de políticas de substituição de importações:

$$(R_t - R_0) + (X_t - X_t^h) + (M_t^h - M_t) = (P_{0t}^m M_t - P_{0t}^x X_t) + (X_t^t - X_t^h) + (M_t^h - M_0) - (X_t^t - X_0) - (S_t - S_0) \quad (6)$$

Adicionalmente, calculamos o valor tendencial das importações, supondo que a elasticidade-renda da demanda de importações e a taxa de crescimento do PNB mantiveram-se iguais às do período-base (isto é, sem variação na taxa de crescimento das importações). Supõe-se que as diferenças entre o valor tendencial das importações e as importações hipotéticas ($M_t^t - M_t^h$), incluídas no lado esquerdo da equação (7), refletem os efeitos de variações na taxa de crescimento do PNB sobre as importações:

$$(R_t - R_0) + (X_t - X_t^h) + (M_t^h - M_t) + (M_t^t - M_t^h) = (P_{0t}^m M_t - P_{0t}^x X_t) + (X_t^t - X_t^h) + (M_t^t - M_0) - (X_t^t - X_0) - (S_t - S_0) \quad (7)$$

A diferença entre os valores tendenciais para importações e exportações, ajustada pelo balanço efetivo de serviços de não-fatores e transferências privadas, é igual ao montante de financiamento externo líquido que teria sido necessário na ausência de choques externos e políticas reativas aos choques (valor tendencial do hiato de recursos, R_t^t). Por sua vez, a soma das diferenças entre os valores tendenciais e os valores efetivos das importações e exportações é igual à diferença entre o valor tendencial do hiato de recursos e seu valor efetivo no ano-base.

Ao introduzirmos o valor tendencial do hiato de recursos e reordenarmos os termos, mostramos o excesso do hiato efetivo de recursos sobre seu valor tendencial no lado esquerdo da equação (8). Isto é considerado como a entrada adicional de fundos externos decorrentes dos efeitos dos choques externos sobre o balanço de pagamentos (financiamento externo líquido adicional):

$$(R_t - R_t^t) + (X_t - X_t^h) + (M_t^h - M_t) + (M_t^t - M_t^h) = (P_{0t}^m M_t - P_{0t}^x X_t) + (X_t^t - X_t^h) + (M_t^t - M_0) - (X_t^t - X_0) - (S_t - S_0) - (R_t^t - R_0) \quad (8)$$

O último termo do lado direito da equação (8) é igual à soma dos três termos precedentes, e indica o montante de financiamento externo líquido adicional que teria sido necessário na ausência de choques externos, acima da entrada de fundos externos no ano-base. O termo é mostrado com sinal negativo, para que os últimos quatro termos somem zero e possam ser omitidos.

Supondo que o país em questão não possa fixar os preços de suas exportações no mercado mundial, consideramos o lado direito da equação (8) como indicador dos efeitos dos choques externos sobre o balanço de pagamentos. Estes efeitos decompõem-se em efeitos sobre os termos de troca ($P_{01^m}M_1 - P_{01^x}X_1$) e sobre o volume de exportações ($X_1^t - X_1^h$). O primeiro decompõe-se ainda no efeito puro sobre os termos de troca, calculado supondo um equilíbrio comercial nos preços do ano-base ($P_{01^m} - P_{01^x}$) X_1 , e nos efeitos do aumento dos preços das importações sobre o desequilíbrio comercial ($M_1 - X_1$) P_{01^m} .

Por sua vez, o lado esquerdo da equação (8) é composto de termos representativos das políticas de resposta aos choques externos: o financiamento externo líquido adicional ($R_1 - R_1^t$), o aumento da parcela das exportações do país no mercado mundial ($X_1 - X_1^h$), a substituição de importações ($M_1^h - M_1$) e os efeitos das taxas menores de crescimento do PNB sobre as importações do país ($M_1^t - M_1^h$).

No caso das exportações de manufaturados, distinguimos ainda os efeitos das taxas menores de crescimento dos PNB de outros países e os efeitos das variações na elasticidade de demanda destas exportações em relação a rendas estrangeiras. Isto significou calcular as exportações, a uma elasticidade-renda constante, de bens manufaturados desde os países em vias de desenvolvimento aos países desenvolvidos, países em vias de desenvolvimento e economias de planificação centralizada que teriam sido efetuadas se as elasticidades-renda de demanda para importações no período-base acompanhassem as taxas efetivas de crescimento do PNB (X_{m1}^c).

Supondo ainda que o país em questão mantivesse a mesma participação nas exportações de manufaturados dos países desenvolvidos, consideramos a diferença entre o valor tendencial das exportações de manufaturados e as exportações a uma elasticidade-renda cons-

tante de bens manufaturados ($X_{mi}^t - X_{mi}^c$) como reflexo dos efeitos das variações nas taxas de crescimento dos PNB de outros países. Por outro lado, a diferença entre as exportações a uma elasticidade-renda constante e as exportações hipotéticas ($X_{mi}^c - X_{mi}^h$) representa os efeitos de variações das elasticidades de demanda em relação a rendas estrangeiras para as exportações dos países em vias de desenvolvimento. Outra vez um sinal positivo representa uma insuficiência de exportações.

3.2 — Cálculo dos efeitos dos choques externos

Na aplicação prática do marco analítico, tomamos como base para o cálculo dos efeitos dos termos de troca a média dos anos 1971/73. Poder-se-ia objetar que os efeitos do *boom* mundial de 1972/73 favoreceram significativamente os termos de troca dos países em vias de desenvolvimento entre 1971 e 1973. Contudo, as diferenças em comparação aos anos 60 são pequenas, e na realidade os termos de troca dos países em vias de desenvolvimento nos anos 1971/73 foram ligeiramente menos favoráveis que os dos anos 60,⁵ excluídos os combustíveis, cujos preços começaram a subir no final de 1973.

As variações nos termos de troca em comparação com o período-base de 1971/73 foram atribuídas aos choques externos. A suposição subjacente é de que o país em questão não pode fixar os preços de suas exportações no mercado mundial, o que se aplica, grosso modo, às principais exportações dos países estudados (à exceção do café do Brasil e da Colômbia). Não obstante, na ausência de uma manipulação explícita do mercado mundial do café, mantém-se a suposição para este caso também.

Os efeitos dos termos de troca foram decompostos em efeitos puros dos termos de troca, calculados com a suposição de um equilíbrio comercial em termos dos preços de "1972", e em efeitos do aumento dos preços das importações sobre o desequilíbrio

⁵ As cifras apresentadas nos índices das Nações Unidas, *Monthly Bulletin of Statistics* (dezembro de 1971 e junho de 1977), são 103, incluindo os combustíveis, e 93, excluindo-os, em 1971/73 com base em 1970; as médias comparáveis para o período 1961/70 são 101 e 98, respectivamente.

comercial (o *deficit* ou *superavit* na balança comercial) expresso em preços de "1972". Na eventualidade de um desequilíbrio comercial, portanto, os efeitos enunciados dos termos de troca incluem o impacto de aumentos dos preços das importações no *deficit* (ou *superavit*) comercial. Este cálculo reflete a suposição de que, na ausência de choques externos, os preços das importações ter-se-iam mantido constantes durante o período considerado. Tal suposição baseia-se no raciocínio descrito a seguir.

Enquanto os preços dos produtos primários subiam rapidamente durante o *boom* mundial de 1971/73, a experiência histórica indica que esse tipo de alta geralmente é seguido por um declínio ou, no mínimo, um achatamento dos preços. Os preços dos produtos primários, por sua vez, afetam os dos bens manufaturados, e poderia não ser exorbitante supor uma volta da economia mundial à situação não-inflacionária da década de 60 se não houvesse ocorrido a quadruplicação dos preços do petróleo. Seja como for, esses constantes aumentos contribuíram de forma substancial para a alta dos preços de importações durante esse período.

A fim de indicar o impacto da quadruplicação dos preços do petróleo sobre os termos de troca, os efeitos das variações nos preços de importações de combustíveis e de não-combustíveis sobre o balanço de pagamentos são apresentados separadamente. Do lado das exportações faz-se a distinção entre as exportações primárias tradicionais,⁶ tomadas individualmente, combustíveis, exportações primárias não-tradicionais, exceto combustíveis, e manufaturados.

O valor tendencial das exportações que teria sido registrado na ausência dos choques externos foi calculado supondo a mesma taxa de crescimento do período 1963/73 para as exportações mundiais dos produtos de exportação primários tradicionais do país, tomados individualmente, das exportações de combustíveis dos países em vias de desenvolvimento, dos produtos primários não-tradicionais, exceto combustíveis, e dos manufaturados, e supondo, ainda, que o país

⁶ As exportações tradicionais são definidas de maneira a incluir as mercadorias que representavam ao menos 1,5% das exportações de bens do país nos anos 1971/73, na média. Os manufaturados são definidos como as categorias SITC 5 a 8 menos 68, os combustíveis como a categoria SITC 3 e o restante é incluído entre as exportações primárias não-tradicionais, exceto combustíveis.

em questão manteve sua parcela do mercado de "1972" para essas exportações. A suposição subjacente é que um país em vias de desenvolvimento compete com todos os fornecedores do mercado mundial em suas exportações primárias tradicionais, enquanto suas exportações não-tradicionais competem apenas com aquelas de outros países em vias de desenvolvimento.

Os efeitos das variações na demanda externa de exportações do país foram derivados pela diferença dos valores tendencial e hipotético das exportações, ambos enunciados a preços de "1972". As exportações hipotéticas foram calculadas supondo a taxa de crescimento das exportações primárias tradicionais igual à das exportações mundiais, e a das exportações de combustíveis, produtos primários não-tradicionais e manufaturados igual à das exportações dos países em vias de desenvolvimento, na base das taxas de "1972". Desta maneira, reflete-se mais uma vez a suposição de que o país manteve sua parcela de "1972" do mercado durante o período em consideração.

3.3 — Cálculo dos efeitos das políticas de resposta aos choques externos

Entre as medidas de política adotadas em resposta aos choques externos, o montante de financiamento externo líquido adicional foi calculado como a diferença entre o hiato efetivo de recursos ou financiamento externo líquido e o valor tendencial do hiato de recursos. Este foi calculado supondo que as importações e exportações do país, a preços de "1972", aumentaram à mesma taxa do período 1963/73, tomando ainda como dado o balanço líquido efetivo de serviços de não-fatores e de transferências privadas. Por outro lado, o financiamento externo total foi definido como a soma efetiva líquida do financiamento externo, pagamentos de juros e dividendos.

Os efeitos da promoção de exportações são representados por aumentos (declínios) das exportações, a preços de "1972", associados às variações nas parcelas de "1972" dos mercados do país. Foram feitos cálculos separados para produtos primários tradicionais, tomados individualmente, combustíveis, produtos primários não-tradicionais, exceto combustíveis, e manufaturados.

A substituição de importações é definida como o montante poupado em importações associado a um declínio na elasticidade-renda da demanda de importações do país, em comparação com a do período 1963/73, ainda a preços de "1972". Foram feitos cálculos separados para as importações de combustíveis e não-combustíveis.

Os efeitos das taxas inferiores de crescimento econômico no país em consideração sobre as importações foram derivados pela aplicação das elasticidades-renda da demanda de importações para o período 1963/73 às taxas de crescimento do PNB observadas no período 1963/73 e às taxas efetivas de crescimento do PNB no período em estudo. Mais uma vez foram feitos cálculos separados para as importações de combustíveis e não-combustíveis.

Deve ser lembrado, no entanto, o fato de que as variações nas parcelas dos mercados de exportação e nas taxas de crescimento econômico podem ter sido causadas por circunstâncias alheias ao controle do país. Um aumento (declínio) na parcela do mercado de exportações do país pode ter ocorrido devido a uma aceleração (desaceleração) do crescimento das exportações de fornecedores competidores. Por outro lado, uma queda da demanda externa de produtos de exportação do país pode ter contribuído para o declínio de sua taxa de crescimento econômico.

As variações nas parcelas do mercado de exportações, na demanda de importações e na taxa de crescimento econômico também podem ter sido causadas por acontecimentos internos. Em particular, podem ter ocorrido mudanças de política doméstica independente dos choques externos, constituindo assim choques "internos". A metodologia empregada não permite a separação dos efeitos no balanço de pagamentos de mudanças de política adotadas em resposta a choques externos dos efeitos de políticas que mudaram por questões domésticas e autônomas; tais distinções ficam como matéria de interpretação.

Os cálculos apresentados neste trabalho foram feitos para os anos de 1974 a 1978, tomados individualmente,⁷ sendo também apresentadas, adicionalmente, as médias para o mesmo período, o que

⁷ Os cálculos dos efeitos sobre o balanço de pagamentos em anos individuais são apresentados na base de "1972". As variações entre os anos individuais podem ser derivadas como a diferença entre os cálculos apresentados para anos consecutivos.

permite a consideração das variações ao longo do tempo e a apresentação dos resultados para o período como um todo.

4 — Efeitos dos choques externos sobre o balanço de pagamentos

Esta seção apresentará a evidência empírica sobre o impacto dos choques externos no balanço de pagamentos, em termos dos efeitos observados nos termos de troca e no volume de exportações, para os 12 países de industrialização recente em vias de desenvolvimento. Proceder-se-á à discussão em cada subseção a partir da separação dos países em quatro grupos, segundo o esquema de classificação descrito na Seção 2. Em seguida será apresentada uma análise comparativa da importância relativa das origens dos choques externos nos 12 países.

A Tabela 1 apresenta os efeitos estimados dos termos de troca e do volume de exportações sobre o balanço de pagamentos dos países de industrialização recente em vias de desenvolvimento (resultados mais detalhados são apresentados na Tabela 9, ao final deste trabalho, para a média dos anos 1974/78). A Tabela 2 relaciona os efeitos dos termos de troca à média de exportações e importações (comércio médio) e ao produto nacional bruto, e os efeitos do volume de exportações às exportações e ao produto nacional bruto, tudo a preços de "1972" (os efeitos do volume de exportações em cada uma das quatro categorias de mercadorias são apresentados na Tabela 10, no final deste trabalho).⁸

⁸ Cálculos mais detalhados dos efeitos dos choques externos sobre o balanço de pagamentos e das políticas de resposta aos choques externos em três países latino-americanos (Brasil, México e Uruguai) são indicados em Bela Balassa, "Policy Responses to External Shocks in Selected Latin American Countries", trabalho apresentado na Conferência NBER/FIPE/BEER sobre "Perspectivas Comerciais nas Américas: A Diversificação das Exportações Latino-Americanas e o Novo Protecionismo" (São Paulo, 24-26 de março de 1980). O autor dispõe dos resultados detalhados sobre os outros nove países estudados no presente trabalho.

TABELA 1

Efeitos sobre o balanço de pagamentos dos choques externos e das políticas de resposta a estes choques
(Em US\$ Milhões)

	Argentina								Brasil									
	1974	1975	1976	1977	1978	Média 1974/78	1974	1975	1976	1977	1978	Média 1974/78	1974	1975	1976	1977	1978	Média 1974/78
I. Choques Externos																		
(1) Efeitos dos Termos de Troca	-180	622	194	193	-524	61	3.143	3.306	2.635	803	1.977	2.373						
(2) Efeitos do Volume de Exportações	18	113	-59	38	54	33	168	529	341	787	793	523						
(3) Soma	-161	735	135	231	-470	94	3.311	3.835	2.976	1.592	2.770	2.897						
II. Políticas de Resposta																		
(4) Financiamento Externo Líquido Adicional	156	1.523	-241	-732	-1.680	-195	4.568	2.749	823	-2.327	-1.857	791						
(5) Aumento de Parcelas de Mercados de Exportação	-209	-739	-386	565	327	-89	108	793	341	524	445	442						
(6) Substituição de Importações	90	32	710	350	631	363	-742	675	2.335	3.491	3.945	1.941						
(7) Efeitos de Taxas de Crescimento do PNB Menores	-198	-81	52	49	252	15	-624	-381	-524	-95	237	-278						
(8) Soma	-161	735	135	231	-470	94	3.311	3.835	2.976	1.592	2.770	2.897						
I. Choques Externos																		
(1) Efeitos dos Termos de Troca	45	710	478	932	1.130	639	47	159	-139	-710	-511	-231						
(2) Efeitos do Volume de Exportações	-52	87	74	98	175	76	62	101	82	230	205	136						
(3) Soma	7	797	552	1.030	1.304	715	109	260	-58	-479	-306	-95						
II. Políticas de Resposta																		
(4) Financiamento Externo Líquido Adicional	-563	225	-430	50	505	-43	213	108	93	-227	122	62						
(5) Aumento de Parcelas de Mercados de Exportação	288	249	447	462	538	397	39	110	-126	-118	4	-18						
(6) Substituição de Importações	202	18	218	248	84	151	-133	46	-23	-134	-417	-132						

	México		Uruguai									
(7) Efeitos de Taxas de Crescimento do PNB Menores	66	309	318	270	177	227	-10	4	-1	-1	-15	-6
(8) Soma	-7	797	552	1.030	1.304	735	109	260	-58	-479	-306	-95
México												
I. Choques Externos												
(1) Efeitos dos Termos de Troca	662	1.073	525	-114	90	447	117	183	176	213	176	173
(2) Efeitos do Volume de Exportações	95	247	179	363	402	257	31	31	10	11	18	20
(3) Soma	758	1.320	704	249	492	705	148	214	186	224	194	193
II. Políticas de Resposta												
(4) Financiamento Externo Líquido Adicional	1.979	2.508	1.533	336	856	1.442	121	190	71	161	135	137
(5) Aumento de Parcelas de Mercados de Exportação	-93	-235	-507	-301	148	-198	11	48	124	81	86	70
(6) Substituição de Importações	-1.136	-1.031	-533	-80	-813	-719	17	-18	8	11	16	7
(7) Efeitos de Taxas de Crescimento do PNB Menores	8	78	211	293	302	178	-1	-11	-17	-29	-43	-20
(8) Soma	758	1.320	704	249	402	705	148	214	186	224	194	193
Índia												
I. Choques Externos												
(1) Efeitos dos Termos de Troca	1.116	1.919	872	396	962	1.053	1.054	1.079	745	757	1.116	950
(2) Efeitos do Volume de Exportações	34	342	322	595	852	429	12	217	119	318	400	215
(3) Soma	1.150	2.260	1.194	991	1.815	1.482	1.066	1.296	864	1.075	1.525	1.165
II. Políticas de Resposta												
(4) Financiamento Externo Líquido Adicional	1.587	2.529	994	1.733	3.128	1.992	1.209	952	362	338	459	604
(5) Aumento de Parcelas de Mercados de Exportação	-328	-79	1	-362	-677	-289	-278	-206	-321	-205	-161	-234
(6) Substituição de Importações	-173	-165	202	-302	-546	-197	49	282	287	86	180	177
(7) Efeitos de Taxas de Crescimento do PNB Menores	63	-25	-3	-68	-91	-25	87	267	535	856	1.047	558
(8) Soma	1.150	2.260	1.194	991	1.815	1.482	1.066	1.296	864	1.075	1.525	1.165
Israel												

(Continua)

(Conclusão)

	1974	1975	1976	1977	1978	Média 1974/78	1974	1975	1976	1977	1978	Média 1974/78
Ingoslávia												
Coréia												
I. Choques Externos												
(1) Efeitos dos Termos de Troca	1.653	2.009	1.479	2.387	2.159	2.009	1.712	1.803	1.203	623	1.247	1.318
(2) Efeitos do Volume de Exportações	134	443	608	800	1.247	646	45	493	254	673	791	451
(3) Soma	1.787	2.452	2.087	3.187	3.765	2.655	1.757	2.299	1.456	1.296	2.038	1.769
II. Políticas de Resposta												
(4) Financiamento Externo Líquido Adicio- nal	2.044	1.817	518	1.979	2.072	1.680	480	-290	-2.141	-3.291	-2.900	-1.630
(5) Aumento de Parcelas de Mercados de Exportação	-321	-28	73	-580	-440	-259	445	934	1.658	2.211	2.625	1.575
(6) Substituição de Importações	-216	-28	573	933	1.166	486	795	1.412	2.272	3.395	4.082	2.391
(7) Efeitos de Taxas de Crescimento do PNB Menores	279	691	923	855	968	743	31	248	-833	-1.019	-1.762	-567
(8) Soma	1.787	2.452	2.087	3.187	3.765	2.655	1.757	2.299	1.456	1.296	2.038	1.769

	Singapura					Taiwan						
I. Choques Externos												
(1) Efeitos dos Termos de Troca	678	911	602	433	997	724	1.208	836	191	-72	-348	363
(2) Efeitos do Volume de Exportações	3	297	163	398	537	284	-14	581	237	813	992	522
(3) Soma	681	1.208	765	832	1.554	1.008	1.194	1.416	428	742	644	885
II. Políticas de Resposta												
(4) Financiamento Externo Líquido Adicio- nal	1.011	1.042	587	139	630	682	1.556	540	-987	-1.490	-2.955	-673
(5) Aumento de Parcelas de Mercados de Exportação	211	-15	4	300	636	227	-343	-302	243	199	666	93
(6) Substituição de Importações	-742	-193	-402	-304	-524	-433	-509	107	-7	523	1.432	309
(7) Efeitos de Taxas de Crescimento do PNB Menores	202	374	576	697	812	532	491	1.093	1.179	1.520	1.501	1.157
(8) Soma	681	1.208	765	832	1.554	1.008	1.194	1.416	428	742	644	885

FONTE: Ver Tabela 9.

Produto Nacional Bruto — World Bank Atlas.

NOTA: As somas podem não corresponder aos números devido a arredondamentos.

4.1 — Efeitos dos termos de troca

No primeiro grupo de países do Extremo Oriente, a maior perda nos termos de troca em 1974 foi a da Coreia, equivalente à metade do valor médio de suas exportações e importações. Dessa perda, 2/3 deveram-se diretamente à quadruplicação dos preços do petróleo, o que também afetou adversamente Taiwan, onde a perda devido à variação dos termos de troca igualou 1/3 do valor médio do comércio em 1974.

No mesmo ano, a perda nos termos de troca foi de 1/6 da média de exportações e importações de Singapura, onde o valor de exportações de produtos à base de petróleo quase igualou o valor de importações de petróleo. Não obstante, com um valor médio de comércio superior a seu produto nacional bruto, Singapura apresentou a maior percentagem na razão entre a perda nos termos de troca e o PNB (18% em 1974), vindo em seguida Taiwan (10%), com uma proporção de comércio também relativamente alta, e a Coreia (8%).

Na Coreia e em Taiwan, os termos de troca melhoraram nos anos subseqüentes, com a desaceleração da alta dos preços do petróleo. Na Coreia, a perda nos termos de troca foi equivalente a 4% do PNB em 1978, e o efeito puro dos termos de troca causou 2/3 da perda total. Em Taiwan os efeitos dos termos de troca chegaram a ser positivos em 1978, quando os ganhos de maiores preços de importações, como parte de um grande *superavit* comercial a preços de "1972", mais que compensaram a perda ocasionada pelo efeito puro dos termos de troca. Por sua vez, o impacto desfavorável dos maiores preços de importações sobre o *deficit* comercial de Singapura foi somente em parte compensado pelo efeito puro favorável dos termos de troca, produzindo-se uma perda nos termos de troca equivalente a 1/5 do PNB em 1978.

Em 1974, essa perda igualou a metade do valor médio das exportações e importações no Brasil, o único grande importador de petróleo no segundo grupo de países latino-americanos. A parcela correspondente foi de 1/5 no México, que experimentou tendências desfavoráveis nos preços de suas exportações primárias tradicionais, de 4% na Colômbia e de -8% na Argentina, que ganhou

TABELA 2

Efeitos sobre o balanço de pagamentos dos choques externos e das políticas de resposta a estes choques
(Em %)

	1974	1975	1976	1977	1978	1974/78	1974	1975	1976	1977	1978	1974/78
Argentina												
Brasil												
I. Choques Externos												
(13) Efeitos dos Termos de Troca/Comércio Médio	7,7	29,1	9,0	6,6	-19,3	2,5	49,0	52,2	43,2	13,6	31,3	38,2
(14) Efeitos dos Termos de Troca/PNB	-0,4	1,3	0,4	0,4	-1,1	0,1	3,3	3,3	2,4	0,7	1,7	2,2
(15) Efeitos do Volume de Exportações/Exportações	0,8	5,7	-2,2	1,0	1,4	1,1	3,4	9,6	6,1	13,7	13,0	9,4
(16) Efeitos do Volume de Exportações/PNB	0,0	0,2	-0,1	0,1	0,1	0,1	0,2	0,5	0,3	0,7	0,7	0,5
(17) Choques Externos/PNB	-0,3	1,5	0,3	0,5	-1,0	0,2	3,5	3,9	2,8	1,4	2,3	2,7
II. Políticas de Resposta												
(18) Financiamento Externo Líquido/Comércio Médio	6,7	71,2	-11,3	-25,1	-61,9	-8,0	71,3	43,4	13,5	-39,3	-29,4	12,7
(19) Financiamento Externo Líquido/PNB	0,3	3,2	-0,5	-1,5	-3,5	-0,4	4,8	2,8	0,8	-2,1	-1,6	0,7
(20) Aumento de Parcelas de Mercados de Exportação/Exportações	-8,7	-37,8	-14,4	15,1	8,8	-3,0	2,2	14,4	6,1	9,1	7,3	7,9
(21) Substituição de Importações/Importações	4,0	1,4	44,2	16,9	37,2	18,2	-9,3	9,5	35,5	57,3	60,4	28,3
(22) Efeitos de Taxas de Crescimento do PNB Menores/Importações	-8,7	-3,5	3,2	2,4	14,9	0,7	-7,9	-5,3	-8,0	1,6	3,6	-4,0
Chile												
Colômbia												
I. Choques Externos												
(13) Efeitos dos Termos de Troca/Comércio Médio	2,9	63,2	41,6	76,6	80,0	54,8	4,4	15,5	-14,0	-69,1	-39,2	-21,3
(14) Efeitos dos Termos de Troca/PNB	0,5	3,6	5,5	10,0	11,0	7,2	0,4	1,2	-1,0	-5,1	-3,4	-1,7
(15) Efeitos do Volume de Exportações/Exportações	-3,6	6,5	4,6	5,9	10,1	4,9	6,2	9,3	8,7	26,2	18,4	13,5
(16) Efeitos do Volume de Exportações/PNB	-0,5	1,0	0,9	1,0	1,7	0,8	0,5	0,8	0,6	1,6	1,3	1,0
(17) Choques Externos/PNB	-0,1	9,6	6,4	11,0	12,7	8,0	0,9	2,0	-0,4	-3,5	-2,0	-0,7
II. Políticas de Resposta												
(18) Financiamento Externo Líquido/Comércio Médio	-49,0	20,7	-37,5	4,1	35,7	-3,6	20,1	10,5	9,4	-22,1	9,3	5,7
(19) Financiamento Externo Líquido/PNB	-6,0	2,7	-5,0	5,0	4,9	-0,5	1,7	0,9	0,7	-1,6	0,8	0,5
(20) Aumento de Parcelas de Mercados de Exportação/Exportações	19,8	18,7	27,9	27,9	31,3	25,5	3,9	10,1	-13,4	-13,4	0,4	-1,8

	México										Uruguai				
	(21)	(22)													
(21) Substituição de Importações/Importações	24,0	2,1	31,4	31,9	7,6	18,1	-11,8	4,8	-2,2	-11,4	-28,0	-11,4			
(22) Efeitos de Taxas de Crescimento do PNB Menores/Importações	7,9	36,1	45,7	34,7	16,1	26,7	-0,9	-0,4	-0,1	-0,1	-1,0	-0,5			
I. Choques Externos															
(13) Efeitos dos Termos de Troca/Comércio Médio	21,5	35,6	18,9	-4,2	2,6	14,8	48,2	62,6	51,8	64,1	51,0	55,7			
(14) Efeitos dos Termos de Troca/PNB	1,3	2,0	1,0	-0,2	0,1	0,8	3,9	5,9	5,6	6,5	5,2	5,4			
(15) Efeitos do Volume de Exportações/Exportações	5,3	14,6	10,6	18,9	15,5	13,3	12,6	10,5	2,5	2,9	4,6	5,9			
(16) Efeitos do Volume de Exportações/PNB	0,2	0,5	0,3	0,6	0,7	0,5	1,1	1,0	0,3	0,3	0,5	0,6			
(17) Choques Externos/PNB	1,4	2,4	1,3	0,4	0,8	1,3	5,0	6,9	5,9	6,8	5,7	6,1			
II. Políticas de Resposta															
(18) Financiamento Externo Líquido/Comércio Médio	64,3	83,3	55,2	12,4	24,4	47,8	50,0	66,9	21,0	48,4	39,0	44,0			
(19) Financiamento Externo Líquido/PNB	3,8	4,6	2,8	0,6	1,4	2,6	4,1	6,3	2,2	4,9	3,9	4,3			
(20) Aumento de Parcelas de Mercados de Exportação/Exportações	-5,2	-13,9	-30,2	-15,6	5,7	-10,2	4,3	16,2	30,4	21,5	22,0	20,4			
(21) Substituição de Importações/Importações	-26,1	-23,8	-13,8	-2,3	-18,4	-17,5	7,1	-6,4	2,8	3,7	5,4	2,4			
(22) Efeitos de Taxas de Crescimento do PNB Menores/Importações	0,2	1,8	5,5	8,3	6,8	4,4	-0,3	-3,9	-0,2	-10,1	-14,1	-7,3			
I. Choques Externos															
(13) Efeitos dos Termos de Troca/Comércio Médio	40,9	65,5	29,1	12,4	20,0	34,7	55,1	57,6	37,4	34,7	47,7	46,1			
(14) Efeitos dos Termos de Troca/PNB	1,8	2,8	1,3	0,5	1,2	1,5	11,1	11,0	7,7	7,8	11,0	9,7			
(15) Efeitos do Volume de Exportações/Exportações	1,3	11,7	9,5	18,7	27,6	14,1	0,9	16,7	7,9	19,0	21,2	14,1			
(16) Efeitos do Volume de Exportações/PNB	0,1	0,5	0,5	0,8	1,1	0,6	0,1	2,2	1,2	3,3	4,0	2,2			
(17) Choques Externos/PNB	1,9	3,3	1,7	1,3	2,3	2,1	11,2	13,2	8,9	11,1	15,0	11,9			
II. Políticas de Resposta															
(18) Financiamento Externo Líquido/Comércio Médio	58,1	86,3	33,2	53,8	94,3	65,6	63,2	50,9	18,2	15,5	19,6	32,2			
(19) Financiamento Externo Líquido/PNB	2,6	3,7	1,4	2,3	4,0	2,8	12,7	9,7	3,7	3,5	4,5	6,8			
(20) Aumento de Parcelas de Mercados de Exportação/Exportações	-12,3	-2,7	0,0	-11,4	-21,9	-9,5	-22,6	-15,9	-21,4	-12,2	-8,4	-15,3			
(21) Substituição de Importações/Importações	-6,2	-5,6	7,8	-9,1	-15,4	-6,5	1,9	11,5	11,6	8,2	6,5	6,8			
(22) Efeitos de Taxas de Crescimento do PNB Menores/Importações	2,3	-0,9	-0,1	-2,1	-2,6	-0,8	3,3	10,9	21,6	31,9	38,0	21,6			

(Continua)

(Conclusão)

	1974	1975	1976	1977	1978	1974/78	1974	1975	1976	1977	1978	1974/78
Iugoslávia												
I. Choques Externos												
(13) Efeitos dos Termos de Troca/Comércio Médio	47,4	56,1	41,3	68,0	67,3	56,1	51,8	50,6	25,6	11,3	18,4	27,6
(14) Efeitos dos Termos de Troca/PNB	5,3	6,4	4,5	6,7	6,7	5,9	8,3	8,2	4,8	2,2	3,9	5,1
(15) Efeitos do Volume de Exportações/Exportações	5,5	16,0	19,7	30,0	43,8	23,4	1,5	14,6	5,3	12,5	12,6	9,9
(16) Efeitos do Volume de Exportações/PNB	0,4	1,4	1,8	2,2	3,3	1,9	6,2	2,2	1,0	2,4	2,5	1,8
(17) Choques Externos/PNB	5,7	7,8	6,3	8,9	10,0	7,8	8,5	10,4	5,8	4,5	6,4	6,9
Coréia												
II. Políticas de Resposta												
(18) Financiamento Externo Líquido/Comércio Médio	58,6	50,7	14,5	56,4	55,4	47,1	14,7	-8,3	-45,6	-60,0	-42,8	-34,2
(19) Financiamento Externo Líquido/PNB	6,5	5,7	1,6	5,6	5,5	5,0	2,3	-1,3	-8,5	-11,5	-9,1	-6,3
(20) Aumento de Parcelas de Mercados de Exportação/Exportações	-13,1	-1,0	2,4	-21,8	-15,5	-9,4	15,0	27,7	34,8	41,0	41,9	34,6
(21) Substituição de Importações/Importações	-4,8	-0,6	14,1	21,4	25,1	11,0	21,8	37,5	49,1	60,8	55,7	47,9
(22) Efeitos de Taxas de Crescimento do PNB Menores/Importações	6,2	15,7	22,5	19,6	20,9	16,9	0,8	6,6	-7,2	-18,3	-24,1	-11,4
Singapura												
I. Choques Externos												
(13) Efeitos dos Termos de Troca/Comércio Médio	16,8	23,5	13,8	9,2	18,6	16,1	31,9	23,4	4,0	-1,4	-6,0	7,9
(14) Efeitos dos Termos de Troca/PNB	18,1	22,8	14,2	9,4	19,8	16,7	10,4	7,0	1,4	-0,5	-2,1	2,7
(15) Efeitos do Volume de Exportações/Exportações	0,1	0,1	4,8	10,4	12,7	8,0	-0,4	15,9	4,6	15,4	15,5	10,8
(16) Efeitos do Volume de Exportações/PNB	0,1	7,4	3,8	8,6	11,0	6,6	-0,1	4,9	1,8	5,0	6,1	3,9
(17) Choques Externos/PNB	18,2	30,3	18,0	18,0	30,8	23,3	10,2	11,9	3,2	5,1	4,0	6,5
Taiwan												
II. Políticas de Resposta												
(18) Financiamento Externo Líquido/Comércio Médio	24,4	26,9	13,5	2,9	11,8	15,2	41,1	14,6	-20,5	-30,1	-51,1	-14,7
(19) Financiamento Externo Líquido/PNB	27,0	26,1	13,8	3,0	12,5	15,8	13,3	4,4	-7,4	-10,4	-18,1	-5,0
(20) Aumento de Parcelas de Mercados de Exportação/Exportações	6,6	-0,5	0,1	7,8	14,5	6,4	-9,4	-8,3	4,7	3,8	10,4	1,9
(21) Substituição de Importações/Importações	-14,5	-4,0	-7,6	-5,4	-8,3	-8,0	-13,0	3,1	-0,2	11,1	27,9	7,1
(22) Efeitos de Taxas de Crescimento do PNB Menores/Importações	4,0	7,8	10,9	12,4	12,9	9,8	12,5	31,4	26,6	32,4	20,2	26,7

FONTES: Tabela 1 e banco de dados do Banco Mundial.

com a alta dos preços de cereais. Como percentagem do PNB, a perda nos termos de troca foi de 3% no Brasil, 1% no México e quase zero na Colômbia e na Argentina.

Devido principalmente às altas dos preços do café, o Brasil e a Colômbia experimentaram melhorias consideráveis em seus termos de troca nos anos subseqüentes. Já em 1978, a perda nos termos de troca caiu a 2% do PNB no Brasil, com o efeito puro dos termos de troca respondendo por 3/4 do total, enquanto a Colômbia apresentou um avanço nos termos de troca equivalente a 3% de seu PNB.

Em consequência dos maiores preços por suas crescentes exportações de petróleo, a perda nos termos de troca desapareceu no México em 1977, já que o efeito puro favorável dos termos de troca compensou o impacto adverso sobre o *deficit* comercial da alta dos preços das importações. Na Argentina, o impacto favorável da alta dos preços de importações sobre o *superavit* comercial superou ligeiramente os efeitos puros desfavoráveis dos termos de troca.

No terceiro grupo, Israel e Iugoslávia sofreram as conseqüências da quadruplicação dos preços do petróleo com uma perda nos termos de troca equivalente à metade do valor médio de seu comércio em 1974. Dadas as diferenças entre suas parcelas de comércio exterior, as razões correspondentes em relação ao PNB chegaram a 11% em Israel e a 5% na Iugoslávia, cifras estas que pouco mudaram nos anos seguintes. Simultaneamente, os efeitos dos maiores preços de importações sobre os *deficits* comerciais de ambos os países foram amplamente superados pelo efeito puro dos termos de troca.

A quadruplicação dos preços do petróleo afetou adversamente o balanço de pagamentos de todos os três países do quarto grupo, se bem que o Chile se beneficiou do alto preço do cobre durante a maior parte de 1974. A perda nos termos de troca como percentagem do comércio médio e do produto nacional bruto, respectivamente, foi de 48 e 4% no Uruguai, 41 e 2% na Índia e 4 e 1% no Chile em 1974.

No entanto, os preços do cobre logo caíram violentamente, levando a uma perda nos termos de troca equivalente a 11% do PNB do Chile em 1978. No mesmo ano, a queda nos preços da carne bovina contribuiu para uma perda nos termos de troca igual

a 5% do PNB do Uruguai. Na Índia, finalmente, as altas no preço do chá contribuíram para um declínio na perda nos termos de troca, que chegou a 1% do PNB em 1978.

4.2 — Efeitos sobre o volume de exportações

Os efeitos sobre o volume de exportações foram insignificantes no primeiro grupo de países do Extremo Oriente em 1974, já que a demanda externa continuou forte durante a maior parte do ano, mas aumentaram nos anos seguintes, com as variações de ano a ano paralelas ao ciclo de negócios mundial. Em 1978, a insuficiência das exportações devida ao lento crescimento da demanda mundial alcançou de 13 a 16% do valor das exportações nos três países. Com distintos volumes relativos de exportações, a razão entre a insuficiência de exportações e o PNB foi de 11% em Singapura, 6% em Taiwan e 3% na Coreia em 1978.

Um padrão similar foi constatado no Brasil, na Colômbia e no México, onde a insuficiência de exportações chegou, em 1978, a 18% do valor total das exportações na Colômbia, 16% no México e 13% no Brasil. Mas, com montantes de exportações relativamente baixos em relação ao produto nacional bruto, a insuficiência de exportações não excedeu 1% do PNB em nenhum dos três, percentagem esta que foi praticamente zero na Argentina, favorecida pelo aumento da demanda mundial de carne e trigo.

Israel seguiu o mesmo padrão constatado nestes países, com uma insuficiência de exportações igual a 21% do valor das exportações em 1978. Na Iugoslávia, entretanto, ela aumentou ininterruptamente, alcançando o nível mais alto (44% do valor das exportações) de todos os países estudados em 1978, devido principalmente a situações desfavoráveis nas economias de planificação centralizada, cujas importações dos países em vias de desenvolvimento ficaram abaixo do nível de "1972". A insuficiência das exportações como proporção do PNB aumentou de quase zero em 1974 para 3% na Iugoslávia e 4% em Israel em 1978.

A Índia também exibiu o padrão constatado na maioria dos outros países, com um aumento da razão entre a insuficiência e o valor

total das exportações de 1% em 1974 para 28% em 1978, com a razão entre a insuficiência e o PNB aumentando de zero em 1974 para 1% em 1978. O padrão foi parecido no Chile, com a exceção de ganhos acarretados pela forte demanda de cobre em 1974; a insuficiência foi igual a 10% das exportações e 2% do PNB em 1978. Em contraste, o aumento da demanda mundial de carne e lã reduziu a relação entre a insuficiência e o valor das exportações de 12% em 1974 para 5% em 1978, com uma diminuição proporcional em relação ao PNB.

4.3 — Efeitos sobre os termos de troca *versus* efeitos sobre o volume das exportações

Os resultados indicam a relevância dos efeitos sobre os termos de troca nos países de industrialização recente em vias de desenvolvimento que dependem do petróleo importado. Em 1974 e 1975, na média, a razão entre a perda nos termos de troca e a queda de exportações variava entre 4 e 6 em Taiwan, Singapura, Uruguai, Iugoslávia e Coréia, de 8 a 10 na Índia, Brasil e Israel, chegando a 22 no Chile. As razões correspondentes para os outros países foram 1 na Colômbia, 3 na Argentina e 5 no México.

Com as exceções do Chile e do Uruguai, a razão entre os efeitos dos termos de troca e os do volume de exportações declinou durante o período em estudo. Chile e Uruguai à parte, devido às variações desfavoráveis nos preços de suas principais exportações tradicionais, as perdas nos termos de troca como percentagem do PNB tenderam a cair ao longo dos anos, devido em grande medida à desaceleração do aumento dos preços do petróleo. Por outro lado, tenderam a crescer os efeitos do volume de exportações, com flutuações que acompanharam o ciclo de negócios, salvo no caso do Uruguai, que se beneficiou da crescente demanda mundial de carne e lã.

Mesmo assim, os efeitos dos termos de troca continuaram superiores aos do volume de exportações por uma margem considerável em todos os países importadores de petróleo, menos na Índia, onde o aumento do preço do chá minimizou as perdas nos termos de

troca, e em Taiwan, onde os altos preços das importações como parte do *superavit* comercial a preços de "1972" levou a uma melhoria nos termos de troca. Em 1978, a razão entre os dois efeitos foi de 2 no Brasil, Coréia, Singapura e Iugoslávia e chegou a 3 em Israel, 6 no Chile e 10 no Uruguai. Nesse mesmo ano, os efeitos dos termos de troca foram negativos na Argentina e na Colômbia e praticamente zero no México.

Os resultados demonstram a importância da quadruplicação dos preços do petróleo em 1973/74, cujos efeitos foram plenamente sentidos em janeiro de 1974. Eles contradizem a impressão generalizada que enfatiza os efeitos desfavoráveis da recessão mundial e a lenta recuperação subsequente dos países desenvolvidos sobre o balanço de pagamentos dos países em vias de desenvolvimento. Os resultados tampouco corroboram a opinião de que as exportações de manufaturados dos países em vias de desenvolvimento foram afetadas adversamente pelo crescente protecionismo dos países desenvolvidos.

Os dados disponíveis numa análise geográfica revelam assim um aumento da elasticidade-renda "aparente" da demanda de importações de manufaturados nos países desenvolvidos, quando calculada como a razão entre a taxa de crescimento de suas importações e a do produto nacional bruto. Ao longo do período, os aumentos da elasticidade-renda da demanda compensaram 1/5 da insuficiência de exportações provocada pelas menores taxas de crescimento do PNB nos países desenvolvidos.

Simultaneamente, no comércio dos países subdesenvolvidos entre si, foram-se acumulando os efeitos favoráveis das maiores taxas de crescimento do PNB e a elasticidade-renda da demanda de importações, com efeitos favoráveis para aqueles países, como os do segundo grupo, que venderam boa parte de suas exportações de manufaturados nos mercados de países em vias de desenvolvimento. Em contraste, a queda da elasticidade-renda da demanda nas economias de planificação centralizada agravou os efeitos adversos das taxas menores de crescimento do PNB, contribuindo consideravelmente para a grande insuficiência de exportações observada na Iugoslávia.